



# Cartas sobre a mesa

Estados Unidos e Irã começam a negociar, em Islamabad, o acordo de cessar-fogo. Teerã exige o fim dos ataques no Líbano e o desbloqueio de ativos. Vice de Trump, J.D. Vance viaja ao Paquistão e adverte o regime teocrático a “não brincar” com Washington

» RODRIGO CRAVEIRO

Todos os olhos do mundo voltam-se, a partir de hoje, para Islamabad. Na capital do Paquistão, autoridades do Irã e dos Estados Unidos estarão sentadas à mesa para negociar os termos de um cessar-fogo que seja capaz de abrir caminho para a paz no Oriente Médio. Na véspera das negociações, que ocorrerão em meio a forte esquema de segurança no luxuoso Islamabad Serena Hotel, o regime iraniano impôs condições para o diálogo: a suspensão dos ataques ao movimento fundamentalista islâmico xita Hezbollah, no Líbano, e o desbloqueio dos ativos de seu país.

Principal emissário da Casa Branca à Ásia, o vice-presidente J.D. Vance advertiu Teerã a “não brincar com Washington”. “Vamos tentar manter uma negociação positiva. Se os iranianos estiverem dispostos a negociar de boa-fé, nós, evidentemente, estamos dispostos a estender a mão aberta. Se tentarem nos enganar, verão que a equipe de negociação não é tão receptiva”, avisou Vance, durante embarque para Islamabad, na Base Conjunta Andrews, em Washington.

Por sua vez, o presidente Donald Trump tomou a utilizar a própria plataforma Truth Social para enviar recados ao regime dos aiatolás. “Os iranianos não parecem perceber que não têm nenhuma carta na manga, a não ser uma extorsão de curto prazo do mundo, ao usar águas internacionais. A única razão pela qual estão vivos é para negociar”, escreveu o republicano. “(Este é) O mais poderoso reset do mundo.” No fim da tarde, ele prometeu reabrir Ormuz “muito em breve”. “Vamos abrir o golfo com ou sem eles... ou o estreito, como o chamam. Acho que vai ser bastante rápido, e se não for assim, podemos terminar o trabalho”, disse a jornalistas.

A rede de TV Al-Jazeera, do Catar, divulgou que a comitiva iraniana chegou ontem a Islamabad, liderada pelo presidente do Parlamento, Mohammad Bagher Ghalibaf. Anfitrião do encontro, o premiê paquistanês, Shehbaz Sharif, confirmou que os líderes dos EUA e do Irã participarão das conversas. “Em resposta ao meu sincero convite, dirigentes de ambos os países vêm a Islamabad. Ali serão realizadas negociações para o estabelecimento da paz”, declarou, em pronunciamento à nação.

Aamir Quresh/AFP



Policiais mantêm vigilância perto do hotel onde será realizado o encontro entre norte-americanos e iranianos, na capital paquistanesa

As Forças de Defesa de Israel (IDF) mantêm os bombardeios ao Hezbollah e alegam ter matado 180 combatentes do grupo, na noite de ontem, em ataques ao sul do Líbano. O Ministério da Saúde libanês anunciou 1.953 mortos — 357 na quarta-feira. As autoridades israelenses informaram que, em 40 dias de guerra, o Irã disparou 650 mísseis contra o território do Estado judeu, matando 24 pessoas e deixando 7 mil feridas.

## Pressão

Tenente-general aposentado do Exército do Paquistão e especialista em assuntos de segurança, Talat Masood afirmou ao **Correio** acreditar que algum tipo de acordo possa ser alcançado. “Há pressão tanto sobre o Irã quanto sobre os EUA para que cessem as hostilidades, devido ao impacto prejudicial que o conflito causa na economia global, o que também afeta ambos os países”, lembrou. “Os mais difíceis aspectos das conversações serão o arranjo de um acordo para a reabertura do Estreito de Ormuz e uma maneira de colocar um freio

Jacquelyn Marin/AFP



J.D. Vance, vice de Trump: “Tentaremos manter negociação positiva”

nas ambições nucleares de Teerã e no crescimento de seu programa de mísseis balísticos.”

Hasan-Askari Rizvi, estrategista militar da Universidade do Punjab (em Lahore), não espera um fracasso nas negociações. “Iranianos e americanos provavelmente concordarão sobre alguns assuntos e decidirão assentar os detalhes de outros

De acordo com Rizvi, as questões mais problemáticas envolvem a verificação da promessa de Teerã de que não fabricará armas nucleares; a livre circulação de embarcações no Estreito de Ormuz, com algum tipo de controle; a retirada das sanções dos EUA e da ONU sobre o Irã; e a política israelense em relação ao Líbano. “Os EUA gostariam de levantar a questão do programa de mísseis do Irã, mas o Irã prefere mantê-la fora das discussões atuais.”

Por sua vez, Imtiaz Gul, diretor do Centro para Pesquisas e Estudos sobre Segurança (em Islamabad), afirmou à reportagem ver um hiato em relação ao Estreito de Ormuz. Ele considera “bem possível” que o Irã reabra o canal depois de obter concessões — como o levantamento das sanções e o descongelamento parcial de seus bilhões de dólares em ativos congelados na Coreia do Sul e nos EUA. “Teerã poderá ter que abrir mão do urânio enriquecido, mas provavelmente negociará o Estreito de Ormuz como direito legal. Resta saber qual será o acordo entre as partes, pois ambos precisam de uma solução que lhes permita manter as aparências.”

## Eu acho...

Arquivo pessoal



“As concessões que os EUA teriam que fazer seriam permitir que o Irã continuasse a desenvolver seu programa de armas nucleares e mísseis balísticos civis. Enquanto isso, o Irã teria que encontrar uma maneira de fazer algumas concessões em relação ao seu programa de armas e ao financiamento de grupos aliados, sem abandoná-los completamente, pois deseja manter certo nível de autonomia. Seria muito injusto para o Irã ter que restringir seus programas civis enquanto os EUA permitem que Israel desenvolva suas capacidades nucleares e de mísseis.”

**TALAT MASOOD, tenente-general aposentado do Exército do Paquistão e especialista em assuntos de segurança**

Arquivo pessoal



“Há boas chances de sucesso nas negociações em Islamabad, pois os EUA não conseguiram abrir o Estreito de Ormuz militarmente. Tampouco conseguiram provocar uma mudança total de regime no Irã. Portanto, Trump busca uma saída honrosa para o conflito. O Irã demonstrou grande resiliência; e os iranianos mostraram grande coesão. No entanto, também desejam o fim da guerra, depois de sofrerem grandes danos à infraestrutura e as perdas de importantes líderes.”

**IMTIAZ GUL, diretor do Centro para Pesquisas e Estudos sobre Segurança (em Islamabad)**

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Retrato da discrição eficaz

As conversações entre Estados Unidos e Irã, marcadas para hoje e amanhã, em Islamabad, têm nos bastidores um articulador discreto e, até aqui, eficaz. O governo do Paquistão, chefiado por Shehbaz Sharif, fica com os méritos da exposição pública, ao assumir a mediação entre Washington e Teerã e se credenciar como sede dos encontros — ainda que as negociações venham a ser indiretas. Mas, por trás do insistente vaivém de Sharif e seus emissários na interlocução com negociadores dos EUA e do Irã, está um ator silencioso. A China, que tem em jogo na crise interesses de curto, médio e longo prazo, foi uma espécie de fada-madrinha na costura diplomática sutil da aproximação que não apenas propiciou o diálogo, mas ofereceu aos dois lados um caminho capaz de evitar a escalada apocalíptica prometida por Donald Trump no último fim de semana.

A discussão sobre o conflito no Conselho de Segurança das Nações Unidas, na semana que se encerra, foi uma das poucas ocasiões em que o governo comunista de Pequim se permitiu uma colocação mais enfática. Naturalmente, a favor da mais pronta cessação das hostilidades, com notas de condenação aos EUA e Israel, que fizeram os ataques iniciais. Do ponto de vista chinês, o Irã é, de saída, um fornecedor essencial de petróleo e derivados. Em olhar de alcance mais estratégico, é um dos pontos nevrálgicos na construção de sua tática mais ousada no sentido de consolidar uma ordem global multipolar: a Iniciativa Cinturão e Rota, mais conhecida como “Nova Rota da Seda”, empreitada trilionária para construir conexões comerciais entre o Pacífico e o Ocidente extremo, com nós no Oriente Médio e

ramificações pela Eurásia e pelo norte da África, até o Atlântico.

Sem propriamente colocar o próprio rosto a tapa, e sem indispor-se com gregos nem troianos, o presidente Xi Jinping moveu suas peças no tabuleiro, conquistou as posições almejadas e auferiu os resultados. Não será candidato ao Prêmio Nobel, mas terá dividendos a recolher de um acordo de paz.

## Um passo atrás...

Quando Donald Trump e Benjamin Netanyahu lançaram a ofensiva contra a República Islâmica, no último dia de fevereiro, Xi viu-se obrigado a um recuo tático no avanço que vinha construindo em direção ao Oriente Médio. Pequim vinha de costurar uma melindrosa reaproximação entre o Irã e a arquirrival Arábia Saudita, que secunda Israel como aliado essencial de Washington no Oriente Médio. (Os dois últimos, por sinal, são clientes preferenciais da indústria bélica norte-americana).

A normalização de relações entre Teerã e Riad é peça indispensável na trajetória da Nova Rota da Seda. Em nome de preservar o terreno conquistado, a diplomacia chinesa encontrou no Paquistão, aliado dos anos da Guerra Fria, equidistante com os EUA, o intermediário ideal. Preservou-se de danos, em caso de fracasso da iniciativa, sem privar-se de colher frutos de um desenlace positivo.

## ...dois à frente

Enquanto as atenções do mundo se voltavam para o eixo EUA-Irã-Israel-Líbano, entre o recrudescimento dos combates e ameaças apocalípticas saídas da Casa Branca, a China aproveitava o relativo anonimato para sediar negociações entre Paquistão e Afeganistão para sustar um conflito fronteiriço com razoável potencial explosivo. Entre uma e outra manobra, coloca-se agora em posição mais favorável para contornar o veto de Nova Délhi e impulsionar o ingresso do

parceiro indo-asiático no Brics.

Paquistão e Índia colecionam contentos, pendências e mesmo conflitos armados ao longo das mais de sete décadas desde que se tornaram independentes do império britânico. Na ordem bipolar da Guerra Fria, o governo de Nova Délhi manteve relação privilegiada com a hoje extinta União Soviética. Quando rompeu com Moscou, no início dos anos 1960, Pequim tomou o rumo natural de aproximar-se de Islamabad. Foi no embalo desse jogo de alianças que ambos os rivais do subcontinente indiano tornaram-se potências nucleares, com respeitável capacidade de mísseis.

Pelo papel desempenhado nos últimos solavancos sentidos pela ordem internacional em plena reconfiguração, a China se posiciona para os próximos anos e décadas como pivô incontornável para administrar futuras crises. E se permite, por fora, espreitar oportunidades de auferir, paralelamente, ganhos econômicos e comerciais mais imediatos — e palpáveis.